

O DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO INFANTIL NA PERSPECTIVA INTERACIONISTA: O PAPEL DO *OUTRO* NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA MATERNA

THE LANGUAGE DEVELOPMENT IN CHILDREN INTERACIONIST PERSPECTIVE: THE ROLE OF OTHER IN THE ACQUISITION OF NATIVE LANGUAGE

Keila de Quadros Schermack¹

Resumo

Partindo da constatação de que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento da criança tem origens sociais, mediante trocas comunicativas entre dois interlocutores (criança e adulto), este estudo aborda o interacionismo social, com o objetivo de apresentar algumas reflexões sobre a aquisição da língua materna (oral) em crianças de 2 anos, a partir da apresentação das principais teorias (abordagens) que procuram explicar fatos linguísticos infantis. O marco teórico toma como base os pressupostos teóricos de Vygotsky (1984/1993) sobre o sociointeracionismo, complementados com apoio em Lemos (1992) e Alessandra Del Ré (2006). A pesquisa tem cunho descritivo e abordagem qualitativa (tipo de análise subjetiva e não-controlável). A observação da fala da criança, em um *corpus* selecionado a partir de um vídeo do site *youtube*, intitulado “Não fecha a porta”, torna evidente a importância do *outro* no processo de desenvolvimento da linguagem, pois o adulto tem um papel fundamental no processo de aquisição da língua materna, funcionando enquanto regulador/mediador de todas as informações que as crianças recebem do meio. O interacionismo social propõe que a criança não seja apenas um aprendiz, passivo, mas um sujeito que constrói o seu conhecimento linguístico pela mediação do *outro*.

Palavras-chave: teorias da aquisição da linguagem; aquisição da língua materna (oral) infantil; interacionismo social.

Abstract

Based on the observation that the development of language and thought of the child's social origins, through communicative exchanges between two parties (child and adult), this study addresses the social interactionism, in order to present some reflections on the acquisition of language (oral) in children aged 2 years from the presentation of the main theories (approaches) that seek to explain children's linguistic facts. The theoretical framework builds on the theoretical assumptions of Vygotsky (1984/1993) on the sociointeracionismo, complemented by support Lemos (1992) and Alessandra Del Ré (2006). The research has a descriptive and qualitative approach (type of subjective analysis and non-controllable). The observation of the child's speech in a corpus selected from a *youtube* video site titled "Don't close the door," makes clear the importance of the other in the process of language development, because the adult has a key role in the process acquisition of language e, working as regulator / mediator all the information that children receive in the middle. The social interactionism proposes that the child is not only an apprentice, passive, but a guy who builds his linguistic knowledge through the mediation of another.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: keila.quadros@terra.com.br

Keywords: theories of language acquisition, acquisition of language (oral) in children; social interactionism.

Introdução

Neste trabalho, buscamos construir algumas reflexões sobre a aquisição da língua materna (oral) em crianças de dois anos, a partir de um *corpus* (vídeo) selecionado no site *youtube*, sob o título “Não fecha a porta”. Dessa forma, o enfoque desta pesquisa centrou-se no estudo da importância do *outro* enquanto mediador do processo de aquisição da linguagem. Para fins de abordagem, analisamos mais detalhadamente a situação de interação dialógica entre a criança e o adulto, a fim de evidenciar que ela também opera ativamente sobre a construção da sua língua, tornando-se sujeito da sua fala.

Desse modo, entendemos que a linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança, efetuada explicitamente pelos pais, através de instruções verbais durante atividades diárias. Através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras, adquirindo os conhecimentos de sua cultura, bem como palavras pertencentes ao grupo de falantes no qual está inserida.

A fundamentação teórica desse estudo está alicerçada na perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (1984/1993), a qual baseia-se na interação verbal, no diálogo da criança com o adulto, ou seja, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento tem origens sociais, externas, nas trocas comunicativas entre os dois interlocutores. Além desse autor, buscamos embasamento teórico em Alessandra Del Ré (2006) e Lemos² (1992), pois ambas trazem, em suas obras, conceitos relevantes acerca dos principais estudos da aquisição da linguagem infantil.

De acordo com Del Ré (2006), a linguagem da criança vem despertando o interesse de linguistas e interessados no assunto, a exemplo disso podemos ressaltar que um dos primeiros registros do interesse pela linguagem infantil pode ser encontrado no século XIX, quando estudiosos elaboravam “diários” da fala espontânea de seus filhos. Assim, foram surgindo ao longo da história, de acordo com o pensamento vigente da época, algumas teorias da aquisição da linguagem que deram origem aos estudos atuais: o *empirismo*, o *racionalismo* e o *interacionismo social*.

Com base nas principais teorias que procuram explicar os fatos linguísticos infantis, torna-se fundamental a realização de questionamentos, que estão atrelados à temática *O papel do outro na aquisição da língua materna*: Uma criança pode construir (desenvolver) sua língua materna somente por viver num meio em que se fala determinado idioma? Qual é o papel do *outro* no processo de aquisição da linguagem?

Este estudo tem como objetivos principais: a) apresentar algumas reflexões sobre a aquisição da língua materna (oral) em crianças de 2 anos, a partir da apresentação das principais teorias (abordagens) que procuram explicar fatos linguísticos infantis; b) identificar e analisar a presença do *outro* no processo de desenvolvimento da linguagem infantil; c) evidenciar que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento da criança tem origens sociais, mediante trocas comunicativas entre dois interlocutores (criança e adulto).

O procedimento metodológico utilizado na concretização desse trabalho foi pesquisa descritiva, com suporte bibliográfico, numa abordagem qualitativa que consistiu no estudo das principais teorias da aquisição da linguagem, mais especificamente os conceitos referentes ao interacionismo³, desenvolvidos por Vygotsky (1993). A teoria que fundamenta esse

² Lemos (1992) fez uma revisão do sociointeracionismo de Vygotsky e passou a denominar apenas interacionismo o modo como a criança, por meio do adulto, chega à língua.

³ Privilegiamos os aspectos teóricos referentes ao sociointeracionismo/ interacionismo social.

trabalho tem como foco (de análise do *corpus*) a observação da fala da criança num momento de interação discursiva com um adulto.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, explicitaremos aspectos relevantes das principais teorias que explicam os fatos linguísticos infantis, que estarão distribuídos em três seções respectivamente. Na primeira seção denominada “principais teorias de aquisição da linguagem” abordaremos uma breve reflexão das correntes teóricas “aquisicionistas”. A segunda seção será reservada para “o processo de aquisição da linguagem oral infantil: o papel do *outro*”, na qual daremos enfoque na importância do adulto enquanto mediador do processo de aquisição da linguagem. Na última seção, realizaremos a aplicação da teoria propriamente dita, ou seja, analisaremos a interação dialógica da criança com o adulto com a finalidade de evidenciar o modo como a criança participa ativamente da construção (desenvolvimento) da sua linguagem.

Por fim, apresentaremos as considerações finais, demonstrando tanto a importância do *outro* (interlocutor/adulto) como mediador da aquisição da linguagem infantil quanto a participação da criança enquanto sujeito desse processo.

1. Principais teorias de aquisição da linguagem

Nesse momento, faremos uma breve discussão a respeito das correntes teóricas que procuram explicar os fatos linguísticos infantis. Assim, para compreendermos o surgimento dessas teorias, é necessário levar em consideração tanto o contexto histórico⁴ em que elas aparecem quanto o pensamento vigente da época.

As duas primeiras teorias em aquisição da linguagem, o behaviorismo e o conexionismo tiveram como base a perspectiva *empirista* que não considerava a mente como um componente fundamental para justificar o processo de aquisição. Dessa forma, o conhecimento humano (processo de aprendizagem) é derivado da experiência, através da capacidade inata de formar associações entre estímulos e respostas (E-R), acompanhadas por reforço positivo ou negativo⁵. O ambiente fornece estímulos e a criança fornece as respostas, tanto pela compreensão quanto pela produção linguística. A criança durante o processo de aquisição é recompensada ou reforçada na sua produção pelos adultos que a rodeiam.

O conexionismo procura explicar fatos linguísticos desconsiderados pelos behavioristas, como por exemplo, a maneira como as crianças aprendem a falar através da capacidade criativa em realizar construções frasais que ninguém lhes ensinou. Na sua pesquisa em aquisição da linguagem, Del Ré (2006, p. 19) explica que “embora [o conexionismo] ainda não considere a mente como participante do processo de aquisição, admite que o cérebro e suas redes neurais sejam responsáveis pelo aprendizado instantâneo, no momento da experiência empírica”. Assim, busca-se a interação entre a rede neural (organismo) e o meio externo (ambiente).

O racionalismo⁶ admite a existência da mente e atribui a ela a responsabilidade pela aquisição da linguagem. A relação entre linguagem e mente, pressupõe a existência de uma capacidade inata anterior ao processo de aquisição.

⁴ Para essa pesquisa, não foi possível tratar minuciosamente sobre o contexto histórico do surgimento das teorias de aquisição da linguagem, mas acreditamos que a partir das abordagens discutidas aqui, seja possível se aprofundar nesse aspecto em estudos futuros.

⁵ Para B. F. Skinner (1957), a linguagem pode ter: um reforço positivo, o qual manteria o comportamento; ter um reforço negativo eliminando o comportamento; ou não ter nenhum reforço.

⁶ Del Ré (2006) ressalta que nesse contexto, pesquisas sobre processos psicológicos e mecanismos implicados na aquisição e no uso da linguagem tomam impulso, originando o aparecimento do inatismo.

A teoria de Chomsky (1965), diferentemente do behaviorismo de Skinner (1957), fundamenta-se no princípio de que as crianças já possuem competência (inata), ou seja, as propriedades linguísticas seriam transmitidas geneticamente e, portanto, os falantes já as conheceriam antes de terem contato com as estruturas da sua língua. Nesse contexto, Del Ré (2006, p. 20) explica:

De acordo com o autor [Chomsky], pelo fato de as propriedades da língua serem tão abstratas e complexas, elas seriam transmitidas geneticamente- daí o termo inato, trata-se de algo biologicamente determinado- e, portanto, as crianças já as conheceriam (competência) antes de terem contato com a língua.

Nessa abordagem, o falante possui um conhecimento inato sobre o funcionamento linguístico⁷ geral, sendo conhecedor das construções sintáticas que envolvem sentenças de sua língua. No entanto, esse conhecimento inato só seria ativado mediante a presença de outro falante, isto é, para que inicie esse processo, é necessário que a criança esteja num determinado meio social sendo estimulada a falar. Nesse sentido, Chomsky (1965) usa a metáfora da fechadura para explicar o processo de aquisição: cada criança nasceria com uma fechadura, pronta para receber uma chave, que acionaria a aquisição de uma língua diferente. Por isso, todas são dotadas da mesma capacidade e podem adquirir diversas línguas. Ao diferenciar as abordagens de Vygotsky (1984) e Chomsky (1965), Goldbrub ressalta:

Vygotsky atribui ao cérebro o papel de um computador, cujo funcionamento, porém, dependeria necessariamente dos “programas” introduzidos por via social. (Para Chomsky, o computador já conteria tais programas e o *input* fornecido pela comunidade linguística apenas ajudaria a parametrizá-los).

Conforme o excerto, podemos perceber que os estudos de Chomsky (1965) têm importância dentre as pesquisas em aquisição da linguagem, mas o autor deixa de lado outros elementos que participam desse processo (o aspecto social), além de minimizar o papel do conhecimento adquirido na aprendizagem da língua pela criança.

Para dar conta dessa lacuna, surge a teoria cognitivista de Piaget (1961) e interacionista de Vygotsky (1984). A primeira abordagem considera que o conhecimento é adquirido tendo como ponto de partida a interação da criança com o ambiente (mundo físico). Já a perspectiva interacionista considera que a linguagem é adquirida a partir das trocas comunicativas entre a criança e o adulto.

O cognitivismo vincula a aquisição e o desenvolvimento da linguagem aos processos derivados do desenvolvimento do raciocínio na criança. Piaget (1961) propõe que o sujeito constrói estruturas linguísticas com base nas suas experiências com o mundo físico, ao interagir e reagir biologicamente a ele durante a interação. Nessa perspectiva, não basta que a criança esteja exposta ao meio social, ela precisa estar apta a compreender o que a sociedade tem para lhe transmitir, e para isso, deve estar biologicamente “pronta”, através do processo de maturação que envolve diferentes estágios⁸.

⁷ Os estudos de Chomsky contribuíram (e contribuem) com as pesquisas acerca da aquisição da linguagem. Pois é inegável o fato de que o falante possui competência linguística suficiente para saber os princípios envolvidos na estruturação de sentenças de sua língua. O exemplo disso é o fato de que as crianças não cometem violações do tipo: “Casa ir não eu quero para (Eu não quero ir para casa)”.

⁸ O estágio sensorio-motor, de 0 a 18/24 meses, precede a linguagem; o pré-operatório, de 1;6/2 anos a 7/8 anos, é a fase das representações, dos símbolos; o operatório-concreto, de 7/8 anos a 11/12 anos, é o estágio da construção da lógica; o operatório-formal, de 11/12 anos em diante, é a fase em que a criança raciocina, realizando deduções.

Para Piaget (1961) a linguagem pode ser egocêntrica e socializada. Na primeira, as conversações das crianças são centralizadas, ou seja, elas falam consigo mesma. Assim, não tem o objetivo de comunicar nem levar em consideração a presença do *outro*, quando é o caso, a fala não apresenta função social. A criança passa a interagir apenas na fase socializada, através de perguntas, respostas, etc.

Na obra *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*, ao teorizar acerca do cognitivismo, Del Ré (2006, p. 22) ressalta:

Devemos ressaltar, entretanto, que, apesar de mencionar esse aspecto social, Piaget não levou em conta o papel do outro nesse processo de aquisição/desenvolvimento da linguagem infantil, pois para ele a maturação (os estágios) acontece de forma individual.

A abordagem cognitivista de Piaget (1961), apesar de mencionar o aspecto social da linguagem, não levou em conta o papel exercido pelo interlocutor no processo de aquisição/desenvolvimento da linguagem infantil, pois para essa teoria a maturação ocorre individualmente.

Dessa forma, para enfatizar a importância do *outro* no meio social surge o interacionismo, que teve como precursor L. S. Vygotsky (1984/1993). Essa teoria parte do pressuposto de que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento tem origens sociais mediante trocas comunicativas entre dois interlocutores⁹, isto é, todo o conhecimento se constrói socialmente, através da aprendizagem nas relações com os *outros*.

Segundo Del Ré (2006, p. 23), “há muitos pontos de convergência e divergência entre as teorias de Piaget e Vygotsky e que, portanto, mereceriam ser tratados de forma mais detalhada”. No entanto, o que nos chama a atenção é o fato de ambos¹⁰ insistirem no aspecto cognitivo como fator determinante no desenvolvimento/aquisição da linguagem infantil.

A diferença entre os autores reside no ponto de vista de cada um, ou seja, para Piaget (1961) a aquisição tratava-se de um processo individual, isto é, a criança passaria sozinha pelo processo de internalização. Já em Vygotsky (1984/1993), a fala (egocêntrica) infantil é essencialmente social, conforme evidencia-se em uma de suas principais obras: *Pensamento e Linguagem*¹¹ (1993, p. 17), na qual o psicólogo russo enfatiza: “a função primordial da fala, tanto nas crianças quanto nos adultos, é a comunicação, o contato social. A fala mais primitiva da criança é, portanto, essencialmente social”. Em outras palavras, a fala depende da reação das outras pessoas e tende a se internalizar.

Vygotsky (1984/1993) considera como função básica da linguagem o intercâmbio social: é para se comunicar com os *outros* que o homem cria e utiliza os sistemas da linguagem. Nas palavras de Oliveira (1997, p. 42), “É a necessidade de comunicação que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem”. A busca pela comunicação com os outros é bem visível no bebê que está começando a aprender a falar. Mesmo não sabendo articular as palavras nem compreender o significado utilizado pelos adultos, ele [bebê] consegue comunicar seus desejos e seus estados emocionais através de gestos, sons e expressões.

O psicólogo russo propõe que a fala e o pensamento devem ser estudados sob o mesmo prisma, e atribui a atividade simbólica, viabilizada pela fala, uma função organizadora do pensamento, ou seja, com o auxílio da fala a criança começa a controlar o ambiente e o

⁹ Daí o termo *sociointeracionismo* proposto por Vygotsky (1984/1993).

¹⁰ Para Vygotsky (1984), assim como para Piaget (1961), a criança deve passar por um processo de desenvolvimento das operações mentais, que ocorrem em quatro etapas: natural ou primitiva, psicologia ingênua, signos exteriores e crescimento interior.

¹¹ Nesse livro, Vygotsky (1984) trata da origem e do processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem no ser humano, comparando suas posições com as de outros autores, principalmente Piaget.

próprio comportamento. O autor entende a aquisição da linguagem como um processo pelo qual a criança se instaura como sujeito da linguagem (não como aprendiz passivo), construindo o seu conhecimento de mundo, através da relação com o outro.

Dessa forma, a sua teoria baseia-se na interação verbal, ou seja, no diálogo da criança com o adulto, e assim, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento tem origens sociais. Mas levar em consideração a interação com o adulto como fator que impulsiona o desenvolvimento da linguagem ainda não é suficiente para explicar o processo de aquisição. Por isso, a seguir, enfatizaremos que a criança pode participar do processo de aquisição da linguagem pela mediação do adulto.

2. O processo de aquisição da linguagem oral infantil: o papel do *outro*

Considerando que a criança participa do processo de aquisição, na interação dialógica com seu interlocutor (adulto), nesse momento, refletiremos acerca do papel do *outro* no processo de aquisição da linguagem oral infantil.

Inspirando-se na perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (1984), o interacionismo social não deixa de lado a importância do interlocutor enquanto mediador das informações que a criança recebe do meio, mas propõe que ela seja sujeito do desenvolvimento da sua linguagem, participando ativamente desse processo. Nas palavras de Del Ré (2006, p. 25), “O interacionismo social propõe que a criança não seja apenas um aprendiz, passivo, mas um sujeito que constrói seu conhecimento (mundo e linguagem) pela mediação do outro”. Dessa forma, a base para o desenvolvimento linguístico infantil está na inter-relação estabelecida entre o aprendiz (criança) e o *outro* (interlocutor), que no caso, pode ser também uma criança.

A associação entre a interação social e a troca comunicativa com um *outro*, nos remete as palavras de Benveniste (1958/1995) pronunciadas no artigo *Da subjetividade na linguagem*¹²: “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 1995, p. 285). O fato de a linguagem estar sempre se referindo ao *outro*, evidencia a importância dele enquanto participante do processo de aquisição, pois a inter-relação existente entre a criança e seu interlocutor pressupõe a participação de ambos na aquisição/desenvolvimento da linguagem.

De acordo com Vygotsky (1993, p. 117), “a linguagem surge, inicialmente como um meio de comunicação entre as crianças e as pessoas em seu ambiente”. Os primeiros sons do bebê são dissociados do pensamento. Essa união só acontece por volta dos dois anos, quando a criança assume uma função simbólica e organizadora do pensamento. Assim, à medida que a criança desenvolve seu sistema sensorial, ela alcança um nível linguístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende mediante a relação estabelecida com o *outro*/interlocutor (adulto).

Vygotsky (1984) atribuiu o nome de *zona de desenvolvimento proximal* à capacidade da criança em fazer parte de dois níveis de desenvolvimento: o nível real e o nível potencial, que pode ocorrer com a colaboração de um companheiro mais experiente, nesse caso, um adulto. Segundo o autor, o adulto, por apresentar maior experiência linguística, estrutura a interação que ultrapassa o nível de desenvolvimento real da criança, aproximando-a de seu nível potencial. Dessa forma, o *outro* exerce o papel de companheiro (parceiro conversacional) dotado de um nível linguístico mais elevado que o da criança, propiciando a aproximação do nível potencial desta ao seu. Neste sentido, a participação do adulto como

¹² Nesse artigo, Benveniste (1958) defende que a linguagem é uma condição da existência do homem, por isso, está inerente a ele. Assim, opor o homem à linguagem é opô-lo à sua própria natureza.

interlocutor linguisticamente mais habilitado impulsiona qualitativamente o desenvolvimento/aquisição da linguagem infantil.

A zona de desenvolvimento proximal é uma medida da aprendizagem potencial da criança e implica a colaboração entre os participantes do diálogo no processo de interação social, cada um exercendo seu papel na aprendizagem, isto é, o adulto na função de mediador e a criança de sujeito da sua linguagem.

Oliveira (1997, p. 38-39), corrobora com a perspectiva de Vygotsky (1993) ao explicar que o processo de desenvolvimento do ser humano se dá “de fora para dentro”, marcado por sua inserção em determinado grupo cultural. Primeiramente o indivíduo realiza ações externas, que serão interpretadas pelas pessoas ao seu redor, de acordo com os significados estabelecidos culturalmente. Nas palavras de Goldgrub (2001, p. 83), uma das ideias fundamentais do psicólogo russo está centrada no seguinte: “a fala (o discurso, a linguagem) é concebida como núcleo da consciência, da identidade e da vida social”.

Em determinado momento do desenvolvimento da criança, por volta dos dois anos de idade, o percurso do pensamento encontra-se com o da linguagem, iniciando assim, uma nova forma de funcionamento psicológico. A fala torna-se intelectual, com função simbólica, e o pensamento torna-se verbal, mediado por significados dados pela linguagem. Segundo Oliveira (1997, p. 47), “a interação com membros mais maduros da cultura, que já dispõe de uma linguagem estruturada, é que vai provocar o salto qualitativo para o pensamento verbal”. Quando os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem se unem, surgindo o pensamento verbal, a criança passa a ter um modo de funcionamento psicológico mais sofisticado, mediado pelo sistema simbólico da linguagem.

Del Ré (2006, p. 25), em *A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática*, mostra que atribuir significados às emissões vocais das crianças é tratá-las como parceiros conversacionais. Sempre que a criança é inserida num universo em que todas as emissões vocais são interpretadas pelo adulto, passa a ser afetada pela fala dirigida a ela, tornando-se autora (sujeito) da sua linguagem.

A proposta de Lemos (1992), alicerçada no interacionismo social, mostra que a criança não é apenas um aprendiz, passivo, mas um sujeito que constrói seu conhecimento (mundo e linguagem) pela mediação do outro.

Na perspectiva do interacionismo social, uma das vertentes sociointeracionistas, os papéis no diálogo e as categorias linguísticas se instauram através da interação dialógica entre a criança e o seu interlocutor. Dessa interação tem-se como resultado dois aspectos considerados fundamentais nessa pesquisa: a) a criança e o interlocutor se tornam sujeitos do diálogo; b) a criança também opera sobre a construção da sua língua. À medida que a criança opera sob a construção de sua língua, o faz pela relação estabelecida com o interlocutor. Por isso, Del Ré (2006, p. 25) afirma que “não há construção unilateral, separadamente, da criança e do outro”, trata-se de um processo que envolve ambos, concomitantemente.

Nesse sentido, podemos destacar que as crianças incorporam, durante a trajetória de aquisição da linguagem, segmentos da fala adulta a partir de esquemas interacionais. Durante as situações de interação, é possível notar uma certa dependência da criança em relação a fala do *outro* (interlocutor/adulto), ou seja, a criança contribui com a sintaxe dialógica a partir do enunciado anterior do adulto.

Segundo Del Ré (2006, p. 26),

[...] a linguagem é atividade constitutiva do conhecimento do mundo pela criança, é onde ela se constrói como sujeito e por meio da qual ela segmenta e incorpora o conhecimento do mundo e do outro. Desse modo, a linguagem e conhecimento do mundo são intimamente relacionados e os dois passam pela mediação do outro.

A criança descobre o mundo pela linguagem e se constitui como sujeito através das relações dialógicas. Assim, o adulto exerce papel fundamental no processo de aquisição da linguagem, funcionando como mediador de informações que ela recebe do meio. A função de mediador atribuída ao interlocutor não anula a participação da criança no desenvolvimento da própria linguagem.

Ao incorporar segmentos da fala adulta durante sua trajetória de aquisição/desenvolvimento da linguagem, a criança, primeiramente, é dependente do enunciado proferido pelo outro. À medida que ela desenvolve a capacidade de representar as intenções daqueles com quem ela interage, torna-se independente do enunciado do adulto, combinando sozinha os vocábulos e fragmentos de discurso.

Lemos¹³ (1992) defende a ideia de que a criança não é uma incorporação da fala do *outro*, e sim, possui capacidade para assumir a sua fala, tendo controle de sua atividade linguística. Nesse momento, então, podemos dizer que ela tornou-se um sujeito falante. Ao discutir, em sua tese, acerca dos estágios do estudo interacionista de Lemos (1992), Goldgrub (2001, p. 141-142) ressalta:

O estudo da interação e de seus resultados conduz Cláudia de Lemos a formular uma hipótese teórica própria, expressa em conceitos definidos com precisão [...] O segundo momento, na esteira dessa pura reprodução, caracteriza-se pelo preenchimento do espaço aberto pela verbalização interrogativa ou lacunar do adulto, à qual a criança responde diretamente ou acrescenta um significante retirado de seu próprio léxico (que antes foi do outro), como se fosse um exercício (complementaridade). A esse estágio segue-se o momento em que o locutor neófito instaura, ele próprio, o diálogo, designando o outro como destinatário de seu discurso.

Quando o locutor instaura o diálogo designando o *outro* nos remete ao termo reversibilidade (reciprocidade), que Benveniste (1958) considera essencial para que exista diálogo e a linguagem se torne discurso. Sempre que a criança “toma a palavra”, ilustra-se o momento em que passaria da posição de reprodutora para a de emissora do discurso, e, conseqüentemente, participante ativa da aquisição da sua linguagem. Dessa forma, ela designa o adulto como destinatário.

O fato de a criança incorporar segmentos discursivos do seu léxico no diálogo, já evidencia sua participação na aquisição da linguagem. Essa complementaridade é possível porque provém de um sujeito falante capaz de participar ativamente da situação dialógica.

O aspecto fundamental a ser considerado é de que a interação social é um componente necessário para a criança adquirir a linguagem. As relações dialógicas da criança com os adultos são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, visto constituir-se como um sistema dinâmico, através do qual ambos contribuem com suas experiências e conhecimentos para o curso da aquisição, estabelecendo uma relação recíproca e necessária.

A seguir, realizaremos a análise do *corpus* com a finalidade de evidenciar a importância do *outro* no processo de aquisição/desenvolvimento da linguagem.

3. Análise do *corpus*

Partindo do pressuposto que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento da criança tem origens sociais, mediante trocas comunicativas entre dois interlocutores (criança e

¹³ No que concerne às pesquisas desenvolvidas por Lemos (1992), vale destacar que, a partir delas, passou-se a investigar os processos dialógicos que envolvem a criança e o outro.

adulto), nesse momento observaremos a situação de interação entre uma criança (C) de dois anos e adulto (P: pai), extraída de um vídeo do site *youtube*, sob o título “*Não fecha a porta*”:

1. C.: ...Fecha a pota (porta)... fechou a pota (porta)? Pa (pra) quê fecha a pota (porta)?
2. P.: O que tu qué (quer) fazê (fazer) lá fora?
3. C.: ...Pra mim olha! ...mãe deixou!...Fecho a pota (porta)!
4. P.: O papai fechou a porta pra tu não ir lá brincar lá fora...
5. C.: ... Brincar de!... ((irritada))
6. P.: Quer que o papai abra a porta pra você? Pra quê? O que que tu vai fazer lá?
7. C.: Não fecha... a pota (porta)... Tá?... Pode sê (ser)? Não fecha a pota (porta)... Tá? Tanquilo (tranquilo)?

Em um determinado momento do desenvolvimento da criança, o percurso do pensamento encontra-se com o da linguagem e uma nova forma de funcionamento psicológico se inicia. Assim, a fala da criança assume uma função simbólica e organizadora do pensamento. Segundo Vygotsky (1984), é nessa idade (2 anos) que as estruturas construídas externamente são *internalizadas* em *representações mentais*.

Oliveira (1997) explica que a interação social com uma pessoa mais experiente linguisticamente, ou seja, dotado de uma linguagem mais estruturada, provocará o salto qualitativo para pensamento verbal e aquisição da linguagem.

Na interação dialógica entre a criança e o adulto, percebemos que ela está inserida no universo linguístico do *outro* através do diálogo, tornando-se uma *parceira conversacional* participando ativamente do desenvolvimento da sua linguagem, ou seja, a criança também opera sobre a construção da sua língua. Desse modo, a criança e o seu interlocutor tornam-se sujeitos do diálogo.

Segundo Del Ré (2006, p. 25), “é a partir de esquemas interacionais que as crianças incorporam, durante a trajetória da aquisição da linguagem, segmentos da fala adulta”. As crianças incorporam segmentos da fala adulta no processo de interação dialógica, conforme evidenciado no seguinte enunciado:

C.: *Não fecha... a pota... Tá?... Pode sê (ser)? Não fecha a pota ... Tá? Tanquilo (tranquilo)?*

Em outro momento do diálogo, é possível perceber que a criança reage (irritada algumas vezes) em relação ao enunciado anterior do adulto, contribuindo com a sintaxe dialógica:

4. P.: *O papai fechou a porta pra tu não ir lá brincar lá fora...*

5. C.: *... Brincar de!... ((irritada))*

No processo de desenvolvimento/aquisição da linguagem, a criança vai tornando-se sujeito da sua fala, através da interação, combinando por si só os vocábulos e fragmentos do discurso.

O que se evidencia a partir dessa interação dialógica é a forte influência do *outro* na aquisição. Além disso, percebe-se que a criança não é um aprendiz passivo reprodutor de frases a partir do enunciado anterior do adulto, e sim um sujeito que participa ativamente da aquisição/desenvolvimento da linguagem.

Considerações finais

Realizamos essa pesquisa com o objetivo principal de apresentar algumas reflexões sobre a aquisição da língua materna (oral) em crianças de 2 anos, a partir da apresentação das principais teorias (abordagens) que procuram explicar fatos linguísticos infantis; identificar e

analisar a presença do *outro* no processo de desenvolvimento da linguagem infantil; evidenciar que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento da criança tem origens sociais, mediante trocas comunicativas entre dois interlocutores (criança e adulto). Para isso, tivemos como ponto de partida as seguintes questões norteadoras: a criança pode construir (desenvolver) sua língua materna somente por viver num meio em que se fala determinado idioma? Qual é o papel do *outro* no processo de aquisição da linguagem?

É possível com a análise do *corpus*, comprovar a importância do *outro* no processo de desenvolvimento da linguagem, pois o adulto tem um papel fundamental no processo de aquisição da língua materna, funcionando enquanto mediador de todas as informações que as crianças recebem do meio.

O desenvolvimento da linguagem e do pensamento da criança tem origens sociais, mediante trocas comunicativas entre dois interlocutores (criança e adulto). Dessa forma, podemos inferir que adquirir/desenvolver a linguagem vai além da convivência da criança num meio em que se fala determinado idioma, pois aquisição pressupõe a constituição do sujeito falante. O interesse de Vygotsky (1984) nesse processo está no reconhecimento da linguagem como pré-requisito na formação do ser social.

A criança não é um aprendiz, passivo, mas um sujeito que constrói o seu conhecimento linguístico pela mediação do *outro*. A partir da relação que estabelece com a língua mediante as situações de interação com o adulto, ela assume o controle da sua atividade linguística. Nesse momento, então, podemos dizer que trata-se de um falante.

Referências

- BENVENISTE, Émile. 1958. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995a, p. 284-293.
- CHOMSKY, N. *Aspects of Theory of Syntax*. 1. ed. Cambridge: MIT Press, 1965.
- DEL RÉ, Alessandra. (Org). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.
- GOLDGRUB, Franklin W. *A máquina do fantasma: aquisição de linguagem e constituição do sujeito*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.
- LEMONS, C. *Interacionismo e aquisição da linguagem*. *D. E. L. T. A.*, v. 2, n. 2, pp. 231-48, 1986.
- _____. *Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio*. *Substractum*, 1992, v. 1, n. 1, PP. 120-30.
- OLIVEIRA, Marta Kohlde. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.
- PIAGET, J. *A linguagem e o pensamento da criança*. Trad. Manuel de Campos. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.